



A Identidade Cultural no Jornal Comunitário *Folha do Santa Bárbara*¹

Gabriela Glória de CASTRO²

Verônica Dantas MENESES³

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

RESUMO

O presente artigo investiga como a identidade da comunidade do Setor Santa Bárbara da cidade de Palmas – Tocantins é representada no *Folha do Santa Bárbara*, jornal comunitário do bairro. Para isso, analisou-se o conteúdo de todas as matérias das três edições que o jornal teve até o momento da pesquisa, observando a relação entre a formação identitária e a comunicação comunitária. Conclui-se que o jornal comunitário, por ser um espaço onde ocorrem trocas simbólicas, contribui para construir a identidade cultural do bairro.

PALAVRAS-CHAVE: Identidades; Jornalismo Comunitário; Folha do Santa Bárbara

INTRODUÇÃO

Durante as ditaduras militares latino-americanas dos anos 1960 a 1980, o jornalismo procurou resgatar sua função social, aquela comprometida com o fortalecimento da democracia. Esse resgate culminou com o surgimento do jornalismo comunitário, ou alternativo. Um jornalismo pautado pelos interesses da comunidade, espaço de expressão de seu cotidiano e instrumento de mobilização. “É ele que vai estabelecer a verdadeira comunicação entre os membros da comunidade, o debate de seus problemas e a participação de todos nas soluções a serem dadas” (CALLADO; ESTRADA, 1985, p.08).

O jornalismo feito para a comunidade deve propor maneiras de compreender e reportar a realidade do local, buscando outras interpretações e enfoques do cotidiano, e deve ter a capacidade de se tornar instrumento de autoconhecimento das comunidades, buscando as origens de sua condição de subalternos e resgatando sua dignidade humana.

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

² Estudante de Graduação 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFT, e-mail: maria.santo@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação pela UnB. Professora do Curso de Jornalismo da UFT, e-mail: maria.santo@gmail.com



“O pobre quer se ver sim, mas na sua totalidade. Não apenas no lado marginal, que existe de fato. Isso o "jornalismo comunitário" deve resgatar: o homem comum, na sua luta diária pela sobrevivência. As formas de organização que encontra para viver no mundo.” (TAVARES, 200?, sem paginação).

Peruzzo (2004) afirma que a comunicação popular (comunitária ou alternativa) serve como complemento às informações dos grandes veículos comunicacionais e também às próprias informações dirigidas aos setores populares. Mas vai além, pois é uma comunicação voltada para as necessidades dos movimentos sociais e das comunidades envolvendo consciência coletiva, organização e ação dentro de cada dinâmica. Tal comunicação não pode prescindir da participação que implica envolvimento nos processos decisórios através da discussão, da informação, do planejamento, avaliação, criação e execução.

Assim sendo, o jornalismo comunitário desenvolve uma forte relação com a localidade o que é quase impossível no âmbito do jornalismo de massa, pois se refere ao particular de cada lugar. Dessa forma, pode contribuir para desenvolver relações de pertencimento em uma comunidade, como o bairro, onde as relações sociais se apresentam com uma proximidade que deve ser também trabalhada no veículo comunitário.

a proximidade entre as pessoas é a principal característica do meio comunitário. As pessoas se conhecem e se reconhecem (como dizia Paulo Freire) nos seus problemas, angústias, alegrias e ritos cotidianos. Essa reconhecibilidade também exige uma linguagem referenciada aos costumes do grupo social. É uma linguagem coloquial, de fácil entendimento, reconhecível em suas gírias e modismos (CELSO apud BICUDO; SEQUEIRA, 2007, p.08-09).

Ou seja, o jornalismo comunitário mobiliza conteúdos de reconhecimento e representação coletivos, constroem e reconstroem identidades coletivas que mobilizam suas ações em torno de objetivos comuns: ao mesmo tempo em que posicionam o indivíduo em um lugar dentro do grupo constroem laços de reconhecimento e de representação deste grupo para a sociedade.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2000, p.17)



A partir daí, as identidades são posicionadas e construídas, ou seja, nos apropriamos de sistemas simbólicos e com eles realizamos práticas de significação que garantem a nossa representação no mundo. Trata-se de reconhecer que a comunicação é a grande responsável por (re)criar identidades e dar sentido à vida em comunidade já que “na conjunção de trocas simbólicas as identidades culturais se diferenciam, se fortalecem e se localizam como discursos regionais. A comunicação seria a responsável por sociabilizar essas identidades e promover o sentimento de pertencimento” (FERNANDES; LEAL, 2008, p.08).

Contudo, é importante mencionar que a proximidade também evidencia conflitos, contradições e interesses no interior dos grupos e comunidades. E neste aspecto, a comunicação comunitária pode não cumprir sua função mobilizadora e democrática, uma vez que quem detém o meio de comunicar tem o poder de estabelecer qual representação pode ser privilegiada em detrimento de outras, pois, o discurso enquadra as noções que serão usadas para formular o discurso oficial de uma determinada identidade e dar forma à realidade.

As narrativas que circulam por meio da comunicação determinam os sentidos que terão relevância, condicionando a percepção do real. “A percepção da realidade que os indivíduos têm é sempre influenciada pelos códigos apreendidos durante os processos de socialização – ou seja, os discursos presentes nas interações sociais acabam por designar algumas chaves de leitura preferenciais sobre a realidade” (BRINATI E LEAL, 2009, p.04). A simples presença de um meio de comunicação mediando as relações sociais traz mudanças aos hábitos, funcionamento das instituições, relações interpessoais e vários outros âmbitos da vida social.

OBJETO

Com a multiplicação das práticas de jornalismo comunitário é possível vislumbrar um tipo de comunicação que resgata a possibilidade de os atores sociais tomarem para si os espaços de divulgação e socialização, o que pode, assim, contribuir para o desenvolvimento não só de uma comunidade plural, mas de toda uma cidade e até de todo um país, em especial de um país com tanta exclusão social como o Brasil.

A cidade de Palmas, capital do Tocantins, também é um reflexo da exclusão social brasileira. Criada no ano de 1989, a cidade passou (e passa) por um processo de



urbanização que expulsa os mais pobres para a periferia. Trata-se de uma cidade planejada que conta com espaços vazios em seu plano diretor e áreas irregulares e mal ocupadas fora do mesmo, favorecendo ao mesmo tempo a especulação imobiliária e a segregação sócio-espacial.

O bairro Santa Bárbara, na região sul de Palmas, é um exemplo dessa segregação. Surgido em 1999, a partir de ocupação realizada em fazenda da região, quando os ocupantes conseguiram, junto à prefeitura, ocupar o loteamento e posterior posse das terras. Hoje, a comunidade vive em melhores estruturas, devido, principalmente, a projetos sociais como o Projeto Habitar Brasil BID-HBB que, em 2002, por meio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação, disponibilizou junto à Prefeitura de Palmas R\$ 9.500.000,00 para a construção de casas populares.

O Projeto Habitar Brasil também conta com o projeto social “Fazendo Acontecer o Santa Bárbara”, que inclui ações para a geração de emprego e renda, mobilização e organização comunitária e educação sanitária e ambiental. Como forma de articular todas essas ações foi proposto o projeto “Comunicação, Cultura e Cidadania no Santa Bárbara” desenvolvido por alunos e professores do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Tocantins e que acontece desde novembro de 2007. O projeto tem o intuito de promover a cidadania e o desenvolvimento na comunidade através da comunicação popular.

Para isso, o projeto engloba as oficinas de Cidadania e Cultura Popular; Inclusão Digital; Produção de Vídeo; Rádio Comunitária e de Jornal Impresso e Pequenos Meios. Como resultado da oficina Jornal Impresso e Pequenos Meios foi produzido o jornal comunitário *Folha do Santa Bárbara*, que conta com três edições impressas: maio de 2008, setembro de 2008 e junho de 2009. O jornal é fruto de discussões com a comunidade sobre o seu cotidiano, em que as pautas são discutidas e as matérias produzidas por alunos de jornalismo e alguns membros da comunidade. Trata-se de um importante espaço de representação dos moradores e, portanto, mais do que informação o jornal também pode ser um espaço onde discursos são organizados e identidades são criadas.

Observar se o *Folha do Santa Bárbara* poderia ser um mediador dos discursos que formam a identidade local, contribuindo ao mesmo tempo para reforçar os laços comunitários e a mobilização para as lutas por melhores condições de existência, foi o objetivo central da pesquisa. Em outras palavras, por ser um espaço onde ocorrem trocas



simbólicas vislumbramos a possibilidade de o jornal contribuir para a formação identitária da comunidade.

Além disso, analisamos o conteúdo do jornal *Folha do Santa Bárbara*, descrevendo os principais assuntos presentes e o processo de construção do jornal comunitário; além de identificar os principais elementos que visam fixar a identidade dos moradores do bairro Santa Bárbara presentes em seu jornal comunitário e de que maneira eles são protagonizados.

METODOLOGIA

Para a presente pesquisa a técnica utilizada foi a da análise de conteúdo. Trata-se de um conjunto de técnicas que tem sido bastante utilizado na análise das comunicações humanas, por meio da descrição do conteúdo das mensagens. Segundo Campos (2004), a análise de conteúdo deve buscar o equilíbrio entre os conteúdos manifestos e os latentes das mensagens, de forma a não ser extremamente formalista ou subjetiva demais, articulando assim aquilo que está na superfície do texto e os fatores que determinam essas características.

Foram escolhidas as três edições que o jornal contou até o momento da pesquisa. A primeira edição saiu em maio de 2008 e apresentou 20 matérias; a segunda em setembro de 2008 com 23 matérias e a terceira em junho de 2009 com 27 matérias, totalizando 70 matérias analisadas. Cabe ressaltar que para o estudo foram consideradas matérias todos os textos presentes no jornal, as reportagens, editoriais, notas, perfis, depoimentos, poesias, crônicas, artigos de opinião etc.

Através de uma leitura atenta e crítica dos jornais e com base no referencial teórico utilizado elencamos algumas variáveis para a análise que foram: a autoria, o assunto e o protagonismo das matérias. Para o trabalho também foram construídas categorias que representam o jornalismo comunitário realizado pelo *Folha do Santa Bárbara* e categorias que perpassam as dinâmicas identitárias presentes no jornal e no seu processo de construção.

Estabeleceu-se a frequência de cada variável e de cada categoria e a partir daí construídas tabelas de dados cruzados de forma a estabelecer relações entre as variáveis entre si e destas com as categorias. A organização e o cruzamento dos dados foram desenvolvidos por meio do *software SPSS (Statistical Program for Social Sciences)* para a quantificação de todos os dados necessários à pesquisa.



RESULTADOS

Com a análise da autoria e do protagonismo das matérias foi possível perceber que houve pouca participação da comunidade no processo de construção do jornal, pois os moradores tiveram pouco espaço para, de fato, escreverem matérias.

Esta situação pode ser comprovada pela pouca frequência com que a comunidade contribuiu como autora de mensagens para o jornal. Das 70 matérias apenas 12 foram escritas pelos moradores. Já o jornal foi responsável por 43 matérias. Também existe um número considerável de matérias (12) onde a autoria não é identificada.⁴

De acordo com Peruzzo (2004), a participação é um dos elementos fundamentais na comunicação de caráter comunitário. É através de um processo participativo que os membros de uma comunidade podem conquistar maior autonomia e ter o poder de falar sobre si, de representar-se. No entanto, a participação em todos os processos decisórios que produz um jornal é algo a ser conquistado. Com esta observação, é importante notar que existem vários níveis de participação que vão desde a discussão das pautas até o feedback da comunidade, passando pela gestão do jornal e produção de mensagem. Mas o interessante é que a comunidade possa se envolver cada vez mais, construindo seu veículo, o que implica a presença coletiva em mais de um destes níveis.

O que se tornou agravante no caso da pouca participação dos moradores na produção do *Folha do Santa Bárbara* foi o fato de que todas as 12 matérias escritas pela comunidade estão presentes apenas na 1ª edição do jornal. Em contrapartida, a autoria representada pelo jornal aumentou a cada edição, sendo que na 3ª o jornal foi o único autor; inclusive todas as matérias, exceto o editorial, estão assinadas por alunos do curso de jornalismo. O importante para uma comunicação participativa é que a autoria da comunidade aumentasse gradativamente e não simplesmente desaparecesse.

Estes dados mostram que os interesses de projetos comunitários encabeçados por instituições diversas, neste caso os Governos Federal e municipal e a Universidade Federal do Tocantins, podem desarticular os objetivos iniciais da ação, objetivos estes já apresentados anteriormente.

⁴ Por não haver certeza da autoria, algumas matérias foram classificadas com autoria não identificada, mas também pode-se dizer que são de responsabilidade do jornal. No entanto, por questões metodológicas, no decorrer da análise continuaremos a considerar o jornal como autor de 43 matérias, as que estão efetivamente identificadas.



Por outro lado, em 64,3% das matérias, a comunidade foi a maior protagonista, participando como fonte principal das reportagens. Além disso, também houve o protagonismo de outros atores, com 17,1% das matérias, tais como instituições e ONG's que desenvolvem projetos também ligados à habitação, cidadania, geração de renda e sustentabilidade no Santa Bárbara ou em outras localidades. Um exemplo é o SEBRAE, em matéria sobre o projeto Urbe, que capacita os moradores para trabalhar com panificação (*Folha do Santa Bárbara*, setembro/2008, p.05). O governo e/ou projeto HBB e o projeto de extensão também apresentaram um protagonismo expressivo com, respectivamente, 8,6% e 10% de frequência nas matérias.

O protagonismo do povo é uma das características principais do jornalismo comunitário. Em um veículo dessa natureza é de suma importância que a comunidade se mostre, pois dessa forma é possível um resgate da cultura e de laços comunitários e, no caso do Santa Bárbara, até da auto-estima da comunidade. Com o grande protagonismo que a comunidade apresentou, sobretudo quando os assuntos abordados foram as *demandas, cotidiano e história da comunidade*, o *Folha do Santa Bárbara* cumpre uma das premissas do jornalismo comunitário que é a valorização da realidade local e estabelece uma relação maior de proximidade com o público ao qual se destina.

Dentre os assuntos mais abordados, as *demandas da comunidade* (falta de creche, escola que não funciona adequadamente, problemas de transporte coletivo e saúde, falta de áreas de lazer, projetos e iniciativas carentes de apoio etc.) aparecem em 30 % das matérias analisadas, compondo a maioria das temáticas do jornal. Além disso, o *cotidiano da comunidade* (matérias sobre reciclagem, dicas para cuidar do jardim, costumes dos moradores, etc.) foi outro assunto de grande destaque com 27,1% das matérias.

Outro assunto abordado, com 15,7% das matérias, foi a *história e conquistas da comunidade*, com matérias que falaram sobre as lutas que a comunidade enfrentou e enfrenta para se estruturar, os recursos que o bairro vem ganhando, a diminuição da violência etc. Também teve uma frequência significativa do assunto *projeto de extensão*, com 10%, em matérias que traziam o acompanhamento das ações do projeto, explicava seus objetivos e as dificuldades encontradas para sua execução.

A frequência maior de temáticas como *cotidiano e história e conquistas* do bairro demonstra como é construída a cultura dentro de uma comunidade, pois se tratam de assuntos que criam laços de pertencimento que serão compartilhados por todos e dará sentido às práticas realizadas no seio social.



Cabe observar ainda a frequência da temática *demandas da comunidade*, a maior inclusive, que prova que há um esforço em construir um repertório cultural comum que agregue as reivindicações do bairro. Observa-se com isso que os sujeitos, quanto mais conscientes de sua cultura e de seu papel na construção coletiva de sua realidade, podem conquistar maior espaço no conjunto de representações presentes na sociedade e, conseqüentemente, maior espaço político.

Nas oportunidades em que a comunidade teve para escrever, reportou-se essencialmente a assuntos como seu *cotidiano, suas demandas, história e conquistas do bairro*. Estes assuntos que apresentaram as maiores frequências, tanto no geral quanto quando a comunidade foi autora, também ganharam destaque quando o jornal foi autor. Isso prova que nesse quesito o projeto atendeu à expectativa da comunidade no sentido de oferecer aos moradores o conteúdo que gostariam de abordar, até pelo fato de no processo de construção do jornal ter havido sempre a consulta à comunidade, principalmente por meio de seus representantes, quando as pautas estavam sendo montadas.

Pôde-se constatar que dentre as *categorias de jornalismo comunitário*, houve uma maior presença de matérias com *conteúdo crítico-emancipador* (25,7%) que visaram por uma emancipação política da comunidade com conteúdos que fossem capazes de fomentar uma reflexão crítica do cidadão. Outras categorias de maior visibilidade foram *identidades* e *viés educativo* com 21,4% de representação cada. Foram matérias em que o jornal procurou revelar os traços identitários dos moradores, buscando salientar as peculiaridades culturais do bairro, e matérias que evidenciaram o veículo na sua tentativa de ser um meio de conscientização e de produção de conhecimento que deve contribuir com a formação de sujeitos críticos e livres.

A categoria *laços de pertencimento/valorização da realidade local* teve 11,4% de matérias, quando o *Folha do Santa Bárbara* procurou fazer um resgate cultural do bairro e, com isso, fomentar uma cultura comum que, sendo compartilhada por todos, pode dar o tom da identidade que está sendo construída para o bairro.

Dentro dessas categorias do jornalismo comunitário foi possível perceber um protagonismo da comunidade em todas elas. Isso aconteceu, principalmente, nas matérias com conteúdo *crítico-emancipador* e *identidades* que também estão entre as categorias com maior frequência, conforme já demonstrado.

Outro dado que chamou a atenção foi o fato de a categoria *viés educativo*, que também apresentou frequência expressiva, apresentar um maior protagonismo de outros



atores e do governo e/ou projeto HBB. O que foi previsível, pois se tratam de conteúdos instrutivos como matérias que falam sobre reciclagem de lixo, o trabalho dos líderes comunitários, ou que dão exemplos de outras iniciativas que podem servir para melhorar as condições de vida do bairro. Um exemplo encontrado é a matéria sobre mulheres de Foz do Iguaçu que também fazem artesanato com a reciclagem de lixo (*Folha do Santa Bárbara*, setembro/2008, p.04).

Dentre as *categorias de identidade* mais ressaltadas estão a condição de *povo trabalhador* (21, 4%); a situação de *dependência* (17,1%); *união e mobilização* (14,3%) e *comunidade em desenvolvimento* (14, 3%). Também é importante ressaltar os 10% de matérias que trouxeram a categoria *identidade/diferença*.

Com a análise das categorias de identidade, constatamos, primeiramente, o fato de o jornal trazer o discurso de que os moradores do Santa Bárbara são um *povo trabalhador*, a fim até de realçar uma boa característica do bairro e contribuir assim para formar uma imagem positiva do local. Com o destaque apresentado pela categoria *dependência*, pode-se constatar que o jornal demonstrou que a comunidade, apesar das melhorias e de sua luta, ainda espera por atitudes do poder público para resolver determinadas questões.

Outro dado obtido com a análise das categorias da identidade foi a relevância que a questão da *união e mobilização* ocupou no jornal. Significa que o bairro foi representado como um lugar onde os moradores se unem em prol de suas demandas. A grande representatividade da categoria *desenvolvimento* é um indicativo da importância que o jornal atribui ao fato de a comunidade estar alcançando conquistas sociais e de infra-estrutura para o bairro.

A categoria *identidade/diferença* também teve destaque. Pode-se então afirmar que o jornal apresenta um discurso que reforça a identidade dos moradores em relação às diferenças que estes possam ter com o restante da sociedade palmense. Essa característica corrobora com a valorização dos moradores da comunidade contrastando com a imagem negativa que o bairro tem na imprensa e no imaginário das pessoas da capital, conforme se evidencia em qualquer conversa com moradores do Santa Bárbara.

Em todas as categorias de identidade houve algum protagonismo da comunidade, mas, sobretudo quando a identidade representada foi a de *povo trabalhador*, *união e mobilização e dependência*. É interessante observar que *desenvolvimento* também foi uma das categorias de identidade com grande representatividade. No entanto, o protagonismo das matérias que exaltavam essa categoria foi dividido entre comunidade,



governo e/ou projeto HBB e outros atores. Isso significa que o desenvolvimento da comunidade é também representado atrelado às ações que são desenvolvidas por esses outros atores sociais.

A questão é que os conteúdos da identidade da comunidade foram construídos muito mais por outros grupos do que por ela própria, conforme os dados apresentados, em que é possível perceber que o jornal foi a principal voz a falar sobre a identidade de Santa Bárbara.

Uma última análise pode-se afirmar que, mesmo que os responsáveis do projeto de extensão tenham buscado captar o sentimento identitário do bairro, é possível constatar que há uma correspondência entre o que o jornal e a comunidade ressaltam sobre a identidade. Contudo, também há momentos em que isso não ocorre, como o fato de a comunidade ter ressaltado o fato de o *bairro ser tranqüilo e seguro* mais do que o jornal, no geral das categorias. Também ocorreu de o jornal ter ressaltado a questão da *dependência* mais do que a comunidade ressaltou, entre todas as categorias citadas. Por um lado, atesta que a imersão na realidade da comunidade (melhor, a produção do jornal pela comunidade) é essencial para que o veículo possa constituir-se de fato um jornal voltado para o desenvolvimento social, emancipação e cidadania. Por outro, mostra que instituições sociais e/ou educativas (no caso, o projeto de extensão da Universidade Federal do Tocantins) atrelam construções discursivas macrossociais, como a situação de dependência, que podem contribuir para ampliar o potencial crítico do jornal comunitário.

CONCLUSÕES

A partir da análise do conteúdo do *Folha do Santa Bárbara* constatou-se que o jornal comunitário pode tornar-se um espaço onde a comunidade constrói e/ou reforça sua identidade uma vez que a comunicação popular “encerra as dimensões das contradições, dos conflitos e das lutas existentes nas sociedades” (PERUZZO, 2004, p. 139).

Percebemos que a comunidade teve uma pequena autoria e participação, que foi diminuindo a cada edição, na construção do jornal. Portanto, é o jornal que assume a maior parte da responsabilidade pelo caráter de jornalismo comunitário e pelo discurso identitário desenvolvido no Santa Bárbara. Assim, levando em conta que a participação na comunicação comunitária é um processo que precisa, aos poucos, ser construído,



podemos observar que não houve tal ação por parte dos responsáveis pelo projeto de extensão. Além disso, cabe ressaltar que nossa cultura política preza pelo autoritarismo ou pela delegação de poder, participamos na hora do voto de maneira massiva e depois nos eximimos de qualquer co-responsabilidade. O somatório desses fatores, históricos e culturais, prejudicaram o desenvolvimento de um modo de fazer mais participativo no *Folha do Santa Bárbara*.

Contudo, não se trata só de dizer quem poderia falar melhor sobre a identidade do Santa Bárbara: os moradores ou os alunos de jornalismo da UFT. O que foi importante observar é que as mediações são inúmeras quando se discute a identidade e a construção de espaços participativos, e uma delas é a mediação da competência cultural. Os moradores apresentaram dificuldades para escrever no jornal, principalmente pela baixa escolaridade, e os dados mostram que os responsáveis pelo projeto de extensão parecem não ter lidado com essa realidade. Diante disso, os alunos, muitas vezes sem um conhecimento maior sobre a realidade do bairro, foram incumbidos de dizer qual a identidade do Santa Bárbara.

De maneira geral, o jornal construiu um discurso no sentido de fazer um resgate da cultura e das demandas principais do Santa Bárbara e, mais do que isso, se tornou um espaço de repertório de significados que os moradores compartilharão. O grande protagonismo que a comunidade apresentou em todas as edições do jornal foi importante para estabelecer uma relação de proximidade com os moradores e promover algum nível de participação. Isso é o que possibilita, mesmo que inconscientemente, a criação e/ou reforço de laços de pertencimento e de maior espaço do bairro na esfera pública.

Quanto à identidade do bairro, percebemos a centralidade de se criar uma imagem positiva para o setor. Por isso, a frequência de matérias que retrataram o Santa Bárbara como um lugar desenvolvido, onde o povo é trabalhador, se une e se mobiliza pelas suas demandas, mas sem muitas cobranças ao poder público.

Também pode-se visualizar o que foi dito sobre as relações intrínsecas da identidade e da diferença. Os limites entre o que é ou não é o Santa Bárbara são estabelecidos e criam um consenso sobre como classificar o mundo, como se posicionar no seu cotidiano em relação ao “outro”. Isso ocorre devido ao processo de migração que o local sofreu, quando as pessoas advindas de vários lugares do país tiveram que se agregar em prol de objetivos comuns. Tal processo desencadeia uma forte coesão social,



em que as diferenças internas se diluem para que a comunidade possa se fortalecer e se firmar externamente.

Foi importante observar também que os moradores são representados como dependentes do poder público, dado que se contradiz levando em consideração que o grupo também se mostra como trabalhador, unido e mobilizado em suas reivindicações. Acontece que a comunidade ainda não se percebeu autora de seu desenvolvimento, desenvolvimento este que no jornal aparece atrelado às ações que são desenvolvidas por outros atores sociais, principalmente pelo governo.

Em suma, ao relacionar o jornalismo comunitário e a formação identitária podemos visualizar o quanto essas duas esferas estão amalgamadas. O *Folha do Santa Bárbara* apresentou uma identidade de união e mobilização e de povo trabalhador que corrobora alguns princípios do jornal comunitário: a postura crítica e emancipadora e o estabelecimento de laços de pertencimento. Também é possível afirmar que a busca do jornal em estabelecer as identidades do setor contribuem para construir relações de diferença, sobretudo porque houve uma valorização da realidade local, pontuando seu desenvolvimento. Mesmo com esses aspectos positivos, também observou-se que o jornal não se afirmou como meio educativo e de participação continuada e isso acabou refletindo na representação de dependência dos governantes apresentada. Se os sujeitos não são ativos em seu processo comunicativo e, conseqüentemente, no seu aprendizado, não conseguem visualizar sua autonomia e cidadania.

REFERÊNCIAS

BICUDO, Francisco; SEQUEIRA, Cleofe. Jornalismo Comunitário – Conceitos, Importância e Desafios. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos-SP. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0507-1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2009.

BRINATI, Francisco Ângelo; LEAL, Paulo Roberto Figueira. Identidade Local e Imaginário Urbano no Telejornalismo: os 159 anos de Juiz de Fora no MGTV. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba – PR. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2009. 1 CD-ROM.

CALLADO, Ana Arruda; ESTRADA, Maria Ignez Duque. **Como se faz um jornal comunitário**. Petrópolis: Vozes, 1985.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. *Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde*. **Revista brasileira de enfermagem**, Brasília, DF, n. 57(5), p. 611-614, set/out, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>. Acesso em: 02 out. 2009.



FERNANDES, Guilherme Moreira; LEAL, Paulo Roberto. *Folkcomunicação, identidade e diversidade: a “brasilidade” múltipla retratada no show Brasileirinho de Maria Bethânia*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal – RN. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0582-1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2009.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. **Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

TAVARES, Elaine. **Jornalismo Comunitário – O que é afinal**. Disponível em: <http://www.igutenberg.org/elaine.html>. Acesso em: 01 set. 2009.

WOORWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.